

## LISBOA revisitada por PESSOA

---

A arca de Pessoa parece não ter fundo e a cada instante toda a bibliografia pessoana se enriquece com mais um 'achado', como acontece com esse 'book' escrito propositadamente em inglês em jeito de **guia turístico** de uma Lisboa dos anos 20, muito diferente daquela que largos milhares de estrangeiros poderão agora conhecer com a 'Expo98'. Mas lido este roteiro de Pessoa - *Lisboa - O que o Turista Deve Ver* -, revelado em edição bilingue por Teresa Rita Lopes, começamos por dizer que a sua apresentação literária e gráfica poderia ser mais agradável para entusiasmo dos muitos leitores pessoanos e, sobretudo, para melhor se perceber como o espólio do Poeta de *Mensagem* a cada passo assim se devassa e coloca ao nosso dispor textos que julgamos inesperados. Inventor de novas linguagens e mitologias, Pessoa soube recriar o mundo à sua imagem e semelhança e de tudo o que sentiu e mais o angustiou projectou à sua volta os sinais desse tempo português tão mesquinho, triste e provinciano. E por aí navegou em labirintos escuros, cujas sombras de modo intencional se ligam a esse mesmo círculo astral que não parece ter ponta por onde se lhe pegue. Porque nesta cidade luzidia e cheia de gente, o castelo ao alto, muitas lutas e canseiras cruzadas e sonhadas pela baixa pombalina por onde correram os seus passos em horas errantes e nocturnas de poeta sonhador e lunático, entre a 'Brasileira' do Chiado e as ruas da Conceição ou dos Douradores, Pessoa ainda hoje pode 'reencontrar' ao voltar da esquina da rua da Prata ou da Assunção do seu desassossego quase diário, no rosto calado e alegre de uma rapariguinha feliz pelo chocolate que saboreia em almoço a correr, de cara suja e agarrada à saia da mãe:

*Come chocolates, pequena,  
come chocolates!  
Olha que não há mais metafísica no mundo  
senão chocolates.  
Olha que as religiões todas  
não ensinam mais que a confeitaria!  
Come, pequena suja, come!*

No fim de contas, reunidos todos os pedaços dessa mesma jarra que mal se partiu ou parece continuar intacta (porque a celebrada arca não tem fundo, repetimos, e cada vez que qualquer erudito aí mete as mãos, certo e sabido que aparecem logo novos poemas ou textos como este guia para turista ver, porque permanecemos nesta faixa ibérica, com oitocentos anos de História e outros tantos de comprimento, mas sem que muito se tivesse alterado desde o ano da morte de Pessoa, que aconteceu em Novembro de 1935. E sempre Lisboa assim se revisita pelos mesmos lugares e casas de várias cores (basta comparar a descrição desta Lisboa nada pessoana, claro), lugares que foram da sua diária peregrinação pelas mesas da 'Brasileira', do 'Montanha' ou do 'Martinho da Arcada', com outras máscaras e rostos em redor, tudo na disfarçada solenidade de quem não andava em busca da pedra filosofal. E todavia podemos lembrar como os tempos continuam difíceis e a poesia se reinventa em cada canto, mesmo que se construa um novo Centro Cultural de Belém ou a 'Expo98' crie espaços que, dizem, hão-de ser depois pólos culturais de grande importância. Veremos. Ou ainda, lembrando os versos de Pessoa, dizer com ele por intermédio de Álvaro de Campos, que

*depois de descoberta a Índia  
ficamos sem trabalho.*

Mas, na evidência inevitável de terem já passado mais de cem anos sobre o nascimento do Poeta de *Orpheu* e mais de sessenta sobre a sua morte, evocar e dizer como Pessoa está ainda connosco, na memória que dele sobra no corpo que jaz para sempre nos Jerónimos, em memorial erguido pelas mãos de Lagoa Henriques, um pouco mais afastado de Camões, mas ali ambos permanecem como arautos deste 'pobre povo queixoso' na expressão comovida de Gil Vicente.

E, olhando o Tejo do alto da Ponte Vasco da Gama, sabermos ainda como nas suas águas já não passam bergantins, faluas ou fragatas pelos nossos antigos sonhos de marinheiros em terra que a 'Expo98' em largas somas de maravedis deseja glorificar neste Maio de giestas em flor. E sempre poderemos lembrar com Álvaro de Campos, na releitura deste guia sobre Lisboa que Pessoa organizou talvez a brincar para turista ver:

*Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais,  
nada sois que eu não sinta.  
Deixem-me em paz!  
Não tardo, que eu nunca tardo...*

**Serafim Ferreira**

Fernando Pessoa

**LISBOA: O QUE O TURISTA DEVE VER**

Prefácio de Teresa Rita Lopes

Ed. Livros do Horizonte / Lisboa.